

Entrevista - Rede Emancipa

Entrevista realizada por Laiz Colosovski Lopes, aluna do Programa de Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, do Departamento de Língua Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, em setembro de 2015, via *e-mail*. A entrevistada, Cibele Lima, é uma das participantes ativa da organização e coordenação dos cursinhos populares da Rede Emancipa.

Revista Crioula: Como surgiu a Rede Emancipa?

Cibele Lima: A Rede Emancipa é uma ideia que começou em 2005, a partir de um grupo de professores, estudantes universitários e de cursinho pré-vestibular que se encontraram em uma luta. Na época, o então Cursinho da Poli, que havia sido uma referência de cursinho popular, sofre um golpe e se torna um cursinho de prática comercial. O fato é que nesta luta se percebe a necessidade de construir uma alternativa popular de cursinho, que buscasse não só aprovar os estudantes, mas organizá-los na luta por esse direito que é o acesso à Universidade pública. Então começa a se organizar um coletivo que vai amadurecendo a ideia, e em 2008 nasce na cidade de Itapevi o 1º cursinho da Rede, o Chico Mendes.¹

Revista Crioula: Como a Rede enxerga o processo de seleção pelo vestibular?

Cibele Lima: O principal propósito é ser um espaço de organização dos estudantes na luta pelo acesso à Universidade. Só existem cursinhos porque existe uma demanda por vagas, porque não tem vaga para todo mundo. E existe também uma demanda reprimida muito grande, que está nas escolas públicas das periferias, onde muitos jovens não têm sequer acesso à informação, não sabem nem que existem universidades públicas. Existe um processo sistemático de exclusão da juventude das escolas públicas. Por isso a gente se organiza nas escolas públicas, para ocupar esse espaço e fazer um outro debate. O acesso à educação é um direito que o Estado não garante. Todo o discurso a respeito do mérito de conquistar uma vaga na Universidade só serve para reproduzir uma lógica de exclusão. O vestibular é feito para aqueles estudantes que tiveram acesso a escolas e

¹ Para mais informações sobre este assunto, ver: MENEZES, R. Goulart. O movimento pelo resgate social do Cursinho da Poli e a criação da Rede Emancipa in *Às portas da Universidade: Alternativas de acesso ao ensino superior* – ARELARO, L; FRANCA, G e MENDES, M. São Paulo: Xamã, 2012 pg 109-120.

cursinhos com currículo feito sob medida para esta prova. A grande maioria dos aprovados no vestibular pagaram caro para serem bem treinados para isso. Então não existem condições iguais de disputa para o estudante da escola pública, e isso é intencional. Significa manutenção de privilégios. O que deveria ser direito de todos é privilégio de alguns. Então a gente convida o estudante a ter um projeto individual e coletivo. Onde ele precisa estudar, frequentar as aulas, mas também lutar pelo fim desses privilégios. Democratizar o acesso à Universidade. Nós queremos que as Universidades sejam ocupadas pela juventude das escolas públicas, e para isso é preciso passar pelo vestibular, mas também lutar por ações afirmativas como as cotas, até que um dia possamos sonhar com o fim do vestibular, por que não?

Revista Crioula: Quantas unidades a Rede Emancipa tem atualmente e como elas se organizam?

Cibele Lima: Hoje são onze cursinhos funcionando no estado de São Paulo, um em Porto Alegre, um no Rio de Janeiro, quatro em MG (Alfenas, Belo Horizonte, Monte Claros e Uberlândia) e três no Pará (Belém, Marabá e Santarém). Os cursinhos se organizam de maneira militante, sem apoio financeiro, em espaços cedidos como escolas e associações. A maior parte dos cursinhos tem aulas aos sábados em período integral, e alguns funcionam durante a semana em meio período.

Revista Crioula: No que os cursinhos da Rede Emancipa se diferem dos cursinhos particulares? Como vocês fazem a conciliação entre ensino e engajamento político?

Cibele Lima: Para nós é fundamental que o cursinho seja um espaço de reflexão e também ação. Pensamos muito sobre a nossa prática político-pedagógica, sobre a conjuntura política e quanto isso incide diretamente no cotidiano dos nossos estudantes. Porque acreditamos que nosso ponto de partida tem que ser o e que é concreto para o estudante. Diferente do cursinho particular, a gente não se pauta somente pelos conteúdos do vestibular. Esta lógica do conteúdo decorado é uma forma questionável de reproduzir o conhecimento. O conhecimento precisa ter significado para fazer sentido para o estudante, não adianta querer despejar um monte de conteúdos novos e deixar o estudante se virando com isso, se para ele não faz sentido nenhum.

Por isso o Emancipa promove atividades como os círculos, que são espaços onde estudantes e professores debatem sobre política, sobre a organização do cursinho, pensam suas ações. O Emancipa é um trabalho coletivo e os estudantes também se apropriam dessa construção. Também acontecem sarais, rodas de leitura, feira de profissões, estudos do meio e diversas atividades que contribuem com a formação do estudante. Além disso, a Rede Emancipa participa ativamente das manifestações políticas como por exemplo a luta contra a redução da maioridade penal. Os estudantes são chamados a debater o assunto e participar de várias ações. Nos cursinhos há espaço para todas as opiniões, e ninguém é obrigado a concordar, mas a Rede Emancipa tem posições claras e promove este debate com os estudantes. É importante que eles tenham espaço para amadurecer suas opiniões e ter acesso a mais informações, e não só às informações hegemônicas que a grande mídia reproduz, é preciso debater também o que ninguém quer falar. Para grande parte dos estudantes, o cursinho é um lugar de descoberta. Eles se encontram com outros jovens que tem aspirações semelhantes, que sentem no cotidiano a mesma impressão de que alguma coisa está errada, e no cursinho conseguem ser ouvidos, acolhidos, e se convencer que nem tudo está perdido. Muitos estudantes encontram no cursinho um espaço acolhedor para assumir sua homossexualidade, por exemplo.

Revista Crioula: Na sua opinião, qual é o papel das universidades públicas?

Cibele Lima: A Universidade pública tem uma função social muito clara. Toda a população paga por ela, especialmente os mais pobres, onde os impostos pesam mais. Então a universidade tem que dar a toda essa população um retorno, essa é sua obrigação. Ela tem que refletir nas suas produções toda a diversidade social que existem, dar resposta às demandas sociais em suas pesquisas nas mais diversas áreas, da Medicina à educação. E precisa difundir esse conhecimento de diversas formas. Ocorre que hoje a Universidade vive fechada em seus próprios muros. A Constituição diz que ela deve exercer o ensino, pesquisa e extensão de maneira indissociável (*Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.*) No entanto, isso não acontece. A extensão, que seria a ponte entre a sociedade e seu conhecimento produzido, não é prioridade. O conhecimento produzido na Universidade fica restrito a uma pequena parcela da sociedade,

perpetuando a lógica da exclusão, que acontece de diversas formas. Mesmo que o número de vagas nas Universidades públicas tenha crescido na última década, e mesmo com a lei de cotas implementada em dezenas de Universidades, ainda assim o acesso não é democratizado, pois a permanência do estudante pobre na Universidade não é garantido. Na maioria das Universidades públicas não há políticas efetivas de permanência estudantil, como moradia, restaurante universitário subsidiado, bolsas de pesquisa. Os cortes de verbas para a educação só consolidam isso, porque os programas de permanência foram os primeiros a serem afetados. Então não adianta o estudante entrar na Universidade e ser largado à própria sorte. Isso é novamente a lógica meritocrática, e segundo ela, só os fortes têm o mérito de sobreviver e se formar.

Revista Crioula: Qual é sua experiência como professora da Rede?

Cibele Lima: No Emancipa a gente consegue relacionar a teoria e a prática pedagógica, tem liberdade para dialogar com as (e os) estudantes assuntos sobre o qual nunca puderam opinar, como a criminalização das drogas, homofobia, redução da maioridade penal, etc. Nós temos possibilidade de pensar coletivamente sobre nossas práticas, embora ainda precisamos avançar nisso, pois muitas pessoas não estão habituadas a isso, e têm dificuldade.

Revista Crioula: Qual sua percepção sobre os alunos da Rede e seu comportamento em sala de aula?

Cibele Lima: O perfil dos estudantes mudou muito de junho de 2013 para cá. Hoje eles entram no cursinho muito mais informados sobre a vida política, muito mais dispostos a se envolver. Muitas vezes o mesmo estudante que “dá trabalho” na escola, não tem interesse nos estudos regulares, se interessa pelo cursinho, começa a falar dele na escola, dialogar com professores. Percebo que há uma transformação. Essa transformação acontece, inclusive, entre os que ficam por pouco tempo e muitas vezes, infelizmente, nem passam no vestibular. Quando os reencontramos sempre comentam como o cursinho mudou sua relação com o trabalho e com os mais variados temas cotidianos. Esse é um dos propósitos do Emancipa. Promover uma reflexão que leve a uma ação, uma compreensão mais ampla do status quo.

Revista Crioula: Vocês pretendem expandir a Rede?

Cibele Lima: A gente sempre quer expandir, e também atuar junto com outros cursinhos populares. Só precisamos de mais pessoas dispostas a construir o cursinho e o projeto político-pedagógico do Emancipa nas suas escolas, nas suas cidades. Em especial, cada estudante do Emancipa carrega uma sementinha, muitos cursinhos nascem assim, alguns da Rede, outros não. Mas todos com ideias comuns, com o objetivo de democratizar o acesso à Universidade.